



O ÍNDIO Acari, que lidera a brigada anti-incêndio na aldeia Piyulaga, usa uma bomba de água para tentar acabar com um dos focos de incêndio no Parque do Xingu: Ibama já treinou cinco equipes nas tribos da região

# ‘Fogo que escapa’ assusta índios do Xingu

Incêndios na vegetação rasteira fogem do controle com longa estiagem e tribos formam brigadas para combater focos

Leão Serva e Rogério Assis\*

● ALDEIA PIYULAGA, XINGU (MT). Numa muito escura noite de lua nova, o cacique Auaulukumã se levanta para falar aos índios Waurá:

— Queremos saber o que está acontecendo. Antes nós fazíamos a roça e sabíamos controlar o fogo. Agora ele escapa e foge, não para. Não era assim quando chegamos aqui. Antes nós sabíamos quando a chuva ia parar e quando ia voltar e agora não sabemos mais — reclama o índio.

O cacique de 60 anos ecoa as dúvidas da comunidade de Piyulaga, no Parque do Xingu, assustada com os incêndios que queimaram grandes áreas da floresta em toda região e também em volta de sua aldeia, nos últimos meses. Só nos três meses do inverno, foram 2.200 focos de incêndio, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). E com a seca, os focos se espalham.

Um deles, que começou a 15 quilômetros de distância, chegou muito perto das casas e ainda ardia naquela noite de 29 de setembro — só acabou após a chuva que caiu no domingo, dia 2.

No momento em que comemoram 50 anos da primeira grande reserva indígena brasileira, os índios do Xingu travam uma batalha particular com o aquecimento global. Na semana passada, os Waurá criaram sua primeira brigada anti-incêndio, formada inicialmente por 16 integrantes, entre jovens e adultos, homens e mulheres, treinados pelo bombeiro Emilton Paixão, 40 anos, funcionário do Ibama, em Brasília. Anteriormente, ele treinou turmas de outras quatro aldeias de índios das denominações Kisedjê, Juruna e Kaiabi.

As brigadas aprendem a usar equipamentos como bombas de água — carregadas nas costas dentro de mochilas —, abafadores semelhantes a vassouras, rastelos — um tipo de ancinho — e enxadas. No caso dos Waurá, foram doados pela ONG Instituto Socioambiental. Outras entidades têm patrocinado iniciativas do gênero dentro e fora do Xingu.

Antes mesmo de as aulas terminarem, Paixão teve que ir



VISTA AÉREA das margens do Rio Sete de Setembro, formador do Xingu: o desmatamento já consumiu 10% das florestas do interior do parque



A BRIGADA anti-incêndio, com seus equipamentos, em frente a uma casa típica do Xingu: ao centro, o cacique Auaulukumã

a campo combater os focos que ocorriam na região, como O GLOBO acompanhou por cinco dias. No mais das vezes, as chamas nada têm a ver com o que ocorre nas florestas dos Estados Unidos e na Europa, vítimas de grandes incêndios.

No Xingu, o fogo é discreto e rasteiro, às vezes nem é detectado pelo satélite do Inpe que monitora as queimadas no Brasil. É um fogo que pega no tapete de folhas que caem das árvores e que tradicionalmente serve de adubo para o solo pobre da região amazônica.

Chamada de serrapilhera, essa camada de biomassa está ressecada pelo aquecimento regional e pela estiagem

mais prolongada do que antes. Mais animado entre todos os que participam da brigada anti-incêndio dos índios Waurá é um jovem líder da comunidade Piyulaga chamado Acari. Aos 42 anos, 1,80m de altura, ele abraçou a causa e ainda levou a família: sua mu-

lher e uma filha também fazem parte do grupo que ele comanda com sorriso permanente nos lábios.

Acari não é um nome Waurá. É carioca mesmo. No ano 2000, quando o Brasil completou 500 anos, ele participou da minissérie “A Muralha”, da TV Globo, que contava a História do país. Ficou várias semanas no Rio e nas horas de folga seu programa era fazer compras na feira de Acari. Acabou adotando o nome.

No ano passado, voltou às filmagens: foi selecionado para participar do filme “Xingu”, do cineasta Cao Hamburger, com estreia prevista para este ano, mas ainda sem data.

A chegada do período de chuva, neste início de outubro, deverá estabelecer uma trégua para a luta do Xingu contra o fogo. Mas a perspectiva a longo prazo é sombria. A região foi desflorestada radicalmente nos últimos anos. Desde a criação do Parque, em 1961, a bacia do Rio Xingu, com cerca de 18 milhões de hectares — dois quais 2,2 milhões ficam dentro da reserva —, já perdeu cerca de 35% da sua cobertura de florestas. Considerando que o parque indígena perdeu apenas 10% de sua mata, a área fora das zonas de proteção perdeu 43% da mata.

## Parque cercado por plantações

● Voar sobre o Xingu impressiona quem ainda guarda a imagem das florestas exuberantes: fazendas de soja e gado ocupam o entorno do parque com corte raso das florestas, o que provoca o ressecamento da mata remanescente, em um ciclo trágico que explica o fogo que escapa ao controle dos índios.

A mesma tendência ocorre em várias outras regiões da Amazônia, inclusive em áreas de preservação legal. A degradação completa da floresta amazônica, que parecia impossível quando aventada por cientistas como Philip Fearnside, do INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia), em 1988, está se realizando com velocidade. E a consequência da redução das florestas é o ressecamento do ar e o aumento da ocorrência de grandes secas, como as de 2005 e 2010, as maiores da História.

Um estudo publicado na revista “Science” de 4 de fevereiro deste ano, chamado “The 2010 Amazon Drought” — A Seca de 2010 na Amazônia —, de autoria do brasileiro Paulo Brando e outros pesquisadores, prevê novas estiagens dessa magnitude. Sua conclusão é sombria: as secas somadas aos incêndios, provocados pelo homem ou não, e o desflorestamento apontam para a degradação generalizada ou perda total da floresta amazônica. ■

\* Especial para O GLOBO

**O GLOBO EM SMS**  
Receba as principais manchetes no seu celular. Envie um texto com o texto OGLMAN para 50020 R\$ 0,10 por mensagem (mais impostos). Até 6 notícias por dia